

## O ÉTHOS DO EQUILÍBRIO OU DO EXERCÍCIO DA SABEDORIA

MARKUS FIGUEIRA DA SILVA

*Departamento de Filosofia*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

*nada é suficiente para quem o suficiente é pouco .*  
(Epicuro, *S. V.*, 68)

O *éthos* do *sophós-phronéo*, ou o seu caráter, ou ainda, o seu modo de vida, é a questão central do pensamento epicúreo, uma vez que o exercício da sabedoria é para Epicuro a realização plena da natureza deste *sophós*. Esta sabedoria é um outro nome para dizer o equilíbrio, a medida, a plenitude no agir, pois o *sophós* tem em si mesmo o princípio das suas ações. Cabe a ele escolher o que lhe aprouver e recusar o que destoia da medida equilibrada que expressa o seu bem-estar.

Chegamos então ao limiar da ética epicúrea, para onde caminha todo o esforço de esclarecer as proposições acerca da *physiología*, cujo *télos* se projeta ali mesmo, no exercício da vida sábia. Mas o que vem a ser esta vida sábia, e em que medida a noção de equilíbrio constitui a expressão dos termos epicúreos que conformam esta vida ?

### *A Autárkeia Como Fundamento do Éthos do Sophós.*

Existem diversas possíveis traduções do termo grego *autárkeia* utilizado por Epicuro<sup>1</sup>, entre elas as mais frequentes são: “independência”<sup>2</sup>, “auto-suficiência”<sup>3</sup>, “bastar-se a si mesmo”<sup>4</sup>. Tais possibilidades aludem a uma noção básica de domínio e princípio – *arkebé*, que está em poder de quem age *tò autó* – (a partir de) si mesmo. Assim, o *sophós* é *autárkes* porque age a partir de si

<sup>1</sup> Cf. as seguintes ocorrências de *αὐτάρκεια*: D.L., X, 130; S.V., 44; S.V., 77. E também *αὐτάρκες*: S.V., 45. Cf.

<sup>2</sup> CONCHE, M. *Epicure: lettres et maximes*, Paris: De Mégare, 1977. p. 314.

<sup>3</sup> CONCHE, M. op. cit., p. 221; ARRIGHETTI, G. *Opera*. Roma: Giulio Einaudi, 1962. p. 112.

<sup>4</sup> LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: UNB, 1988. p. 313.

<sup>5</sup> SALEM, J. *Tel un dieu parmi les hommes*. Paris: J. Vrin, 1994. p. 78.

mesmo. Mas em que consiste esta *autárkeia* e como é possível obtê-la? Estas questões encetam para o princípio da ação tal como fora concebido no pensamento em questão, que implica em sua raiz a compreensão do sentido de liberdade – *eleuthería* – que a justifica ao mesmo tempo que a fundamenta.

Literalmente, *autárkeia* é uma qualidade de quem se basta a si mesmo.<sup>5</sup> Daí podermos pensar em alguém que exista ou subsista por si mesmo, e isto só é possível quando sua ação tem o princípio nele mesmo, ou ainda, quando a causa da ação esteja nele mesmo. Para Epicuro, a *autárkeia* é o que caracteriza fundamentalmente a ação sábia que, por definição, exclui tanto a inatividade, quanto a reatividade, bem como a ação cujo princípio e *télos* não estão nela mesma. A sabedoria, enquanto ação, tem o sentido exposto no seu exercício, que chamamos de ação não reativa, ou simplesmente “não reatividade”. Sendo assim, a *autárkeia* expressa uma condição de vida no mundo, em que o conjunto das ações tende naturalmente à repleção e, portanto, ao equilíbrio. Viver em equilíbrio, por sua vez, não depende senão do modo como o homem vivencia a sua situação real de existir independente de qualquer outro “poder” que transcenda a sua *dýnamis* de ação, desde que esse “poder” possa ser permitido ou evitado. A *autárkeia* é a expressão da vida tornada independente das necessidades que a negam e a fazem re-agir ou sofrer.<sup>6</sup>

Para que a *autárkeia* seja alcançada e cultivada, é necessário agir segundo o *logismós* e a *phrónesis*. Assim, esses três conceitos definem a possibilidade de ponderação, de se estabelecer uma medida para o agir e, através do exercício da *autárkeia*, o *sophós* define por si mesmo o bastante para a realização dos seus desejos naturais e necessários:

(...) *E nós estimamos que a autárkeia é um grande bem, não para que façamos uso de pouco, de um modo geral, mas a fim de que façamos uso de pouco se não temos a abundância, verdadeiramente persuadidos de que gozam a magnificência com mais prazer aqueles que menos necessitam dela, e que tudo o que é fundado na natureza se adquire facilmente, e o que é vazio (vão) é difícil de se obter (...).*

O termo em questão significa nesta passagem “contentamento”, medida exata de repleção, suficiência dada pela própria natureza. Epicuro recolhe, no modo como o *sophós* interage com a natureza, a medida da satisfação,

<sup>5</sup> BAYLLI, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1950. p. 312.

<sup>6</sup> Cf. BOLLACK, J. *La pensée du plaisir*. Paris: Minuit, 1975. p. 475.

<sup>7</sup> D. L., X, 130.

a mesma que norteará a ação sábia. Por isso a ação deve corresponder aos desejos naturais e necessários, já que agindo de acordo com a natureza, onde o trânsito é imediato, torna-se possível ao *sophós* evitar desafetos que quase sempre forcem a sua reação, ou o seu desequilíbrio. Toda ação contrária à natureza é difícil, e acaba sendo também vã, vazia, para quem procura realizá-la, porque é fruto de desejos de diversos matizes, oriundos das opiniões vazias (*kénon doxái*) disseminadas entre os insensatos. A Filosofia é, para Epicuro, o “antídoto” para essas opiniões e, por isso, é a efetivação da *autárkeia*.

Agir de acordo com a natureza (*katá phýsin*) define a relação entre a *physiología* e a ética à medida que explicita o sentido do proceder filosófico em busca da compreensão necessária à fundamentação da ação sábia. Este modo de agir revela também o sentido real do prazer enquanto repleção, isto é, da ação que engendra serenidade (*galenismós*). Neste sentido, o *sophós* age de modo prazeroso, e o conjunto das suas ações perfaz a realização plena da vida. Trata-se de um estado de “contentamento” no qual ele se sente inteiramente integrado ao meio natural, onde as adversidades existentes podem ser em alguns casos previstas e, na medida do possível, evitadas. A ação fundada na natureza é fruto da deliberação do *sophós* que busca a todo instante realizar os bens que realmente importam à sabedoria que se traduz pela manutenção de uma vida equilibrada. Esta ação é modulada pela *physiología*, que é, por assim dizer, o seu fundamento ontológico. Epicuro opõe aos desejos difíceis de serem realizados, e que têm origem nas opiniões vazias, a noção de simplicidade, que quer dizer rigorosamente, neste contexto, a medida dada pela natureza própria de cada um, cabendo ao *sophós* descobrir a sua, mediante a economia dos desejos, que poderia também ser chamada de “dietética” dos desejos. Esta é uma alternativa proposta por Epicuro para responder aos desmesurados valores vigentes em sua época:

(...) Não são os presunçosos, nem os fazedores de fórmulas, nem os exibidores de cultura, que formam a *physiología*, mas os homens indomáveis (*autárquicos*), que agem a partir deles próprios, cujos bens são por eles mesmos colhidos, e não devidos às circunstâncias (...).<sup>8</sup>

Podemos perceber com relativa clareza que a noção de virtude (*aretê*), tal como é aqui apresentada, não está atrelada à vida repleta de falsos valores e inserida nos domínios públicos, mas ao agir privado, particular. O sábio é

<sup>8</sup> S.V., 45.

aquele que age sempre a partir do seu poder de escolha e rejeição, e, jamais, de sujeição. Sua referência única é a compreensão dos limites e das possibilidades da natureza-realidade na qual vive, exercitando-se na realização de uma vida aprazível em cada ato ou deliberação que dele dependa. Fundando o *étos* na *physis*, ou fazendo que ele derive da *physiología*, o *sophós* legitima a *autárkeia* como condição para pensar a ética fora do domínio público. Com isso, ele intenta resgatar antigos princípios presentes na natureza, para desapropriá-los das convenções estabelecidas e, então, vivenciá-los no espaço e no tempo que são seus e daqueles que lhes são afins (*phílos*):

*(...) O homem sábio, que é formado face às necessidades, está mais inclinado a dividir o que ele tem do que receber a parte de um outro. Tão grande é o tesouro que ele descobriu na autárkeia (...).*<sup>10</sup>

Conseguir o bastante para si mesmo não exclui a possibilidade de compartilhar o contentamento que expressa a *autárkeia* com aqueles que vivem numa mútua conveniência (*ophéleia*). Na verdade, o homem sábio não projeta valores imaginários sobre as coisas da natureza; antes, pelo contrário, ele assemelha o seu modo de agir ao modo como as coisas interagem na natureza. A medida mais conveniente é aquela que o faz se sentir bem no meio natural, e não o excesso de poder sobre as coisas naturais. Assim, o *sophós* não espera receber o que precisa de outro homem, porque ele mesmo pode facilmente obter o suficiente para não sentir sede, fome ou frio, no próprio meio onde vive por conveniência e contentamento. O ideal de sabedoria em questão não prevê qualquer tipo de sujeição, obrigação, dívida ou favor, uma vez que entre sábios não prevalecem as mesmas convenções originadas nas sociedades políticas. O sábio se afastará das situações, lugares e pessoas que possam constrangê-lo a reagir às “convenções” de uma maioria insensata.

*(...) A fonte mais pura de proteção diante dos homens, assegurada até certo ponto por uma determinada força de rejeição, é de fato a imunidade resultante de uma vida tranqüila e distante da multidão (...).*<sup>11</sup>

Não há um objeto político explícito nas proposições éticas de

<sup>9</sup> A saber: *philia kai ophelía*.

<sup>10</sup> S.V., 44.

<sup>11</sup> D. L., X, 143.

Epicuro. Existe, de uma certa maneira, a transposição do político para fundar sobre outras bases uma ética. Recusar o convívio com a multidão pode significar compreender a multidão como produto da necessidade e vivendo segundo a necessidade. O *sophós* buscará, então, construir um caminho alternativo para seguir. Este caminho não constituirá um conflito com o mundo político, mas, ao contrário, se formará independentemente dele. Epicuro opta pela sabedoria de agir a partir de si mesmo e em prol de si mesmo. Este comportamento é plenamente justificável se levarmos em conta a miserabilidade humana, alimentada pelas falsas crenças e pelos falsos valores de sua época:

(...) *A necessidade é um mal, mas não há nenhuma necessidade de viver com a necessidade (...).*<sup>12</sup>

Recolher-se à filosofia ao invés de filosofar para a Hélade, eis o que proclamava Epicuro. A frugalidade ética se opõe ao desperdício político, pois não há como obter a *ataraxía* em meio à multidão insensata. Além disso, jamais o sábio poderia modificar todo o quadro que a ele se apresentava: um mundo corrompido pela miséria e esquecido do bem-viver:

(...) *O sábio não deve, pois, ocupar-se da política (...). Vive obscuro (...).*<sup>13</sup>

Somente na solidão dos seus pensamentos o sábio poderia, finalmente, encontrar o real sentido da liberdade, uma vez que, ao menos aos olhos de Epicuro, a liberdade não se coaduna com os valores sócio-políticos em voga. A liberdade provém das reflexões que são a matéria da filosofia. Não a encontraremos no meio político, na dependência de acordos ou convenções nutridas por opiniões conflitantes, e sim nas ações que têm em si o seu próprio princípio, pois nascem da solidão reflexiva. A vida autárquica talvez tenha sido o posicionamento filosófico por excelência de Epicuro, ao ponto de Hermarco, seu discípulo e sucessor à frente do Jardim tê-lo definido assim:

(...) *A vida de Epicuro, comparada à vida dos outros homens, poderia ser considerada, em razão da sua doçura (emerótetos) e da sua autárquia, como uma fábula (mýthos) (...).*<sup>14</sup>

<sup>12</sup> S.V., 9.

<sup>13</sup> Us. 327, 8.

<sup>14</sup> S.V., 36; Us., [10], p. 186 s.

A vida autárquica está totalmente descompatibilizada da vida pública, dos valores que a sustentam e que de várias maneiras a determinam. O sábio realiza um movimento de descentramento em relação à vida pública e, um outro, de situar-se sempre em direção às relações equilibradas, privadas, “moleculares”. São notórias as diferenças entre Epicuro e as “instituições políticas” das quais ele se recusa a participar por compreender a quase impossibilidade de coexistirem harmonicamente, sob um mesmo ideal, homens de caráter tão distintos. O *sophós* assentirá nas discussões políticas apenas à medida que for conveniente ou imprescindível, já que acredita na possibilidade de cultivar a liberdade de conviver com aqueles que têm uma natureza realmente semelhante e que comungam as mesmas idéias. Não ausentar-se da trajetória que projeta a vida sábia pode significar o exercício de um modo de ser, de um *éthos* filosófico, ao mesmo tempo que a realização de um estado de ser *physiológico* equilibrado. Para tanto, cumpre escolher as pessoas, o local e a situação de vida onde se torne possível o pleno exercício da vida filosófica, o que vale dizer, ter a *autárkeia*, ou o princípio das suas ações em si mesmo. Só daí pode emergir o sentido epicúreo da liberdade:

(...) O mais importante fruto da autárkeia é a liberdade (eleuthería).<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> S. V., 77.